

Visão e características do ensino da contabilidade adotado no Brasil

Adelvandro Felício de Castro

O presente artigo relata as dificuldades no ensino da Contabilidade praticada no Brasil comparada com países de primeiro mundo, como os Estados Unidos, demonstrando algumas diferenças entre os tipos de profissionais e alunos dos cursos de Contábeis. No contexto dos estudos referentes ao ensino da Contabilidade, os objetivos foram demonstrar que o modelo necessita de intensas mudanças com o propósito de melhorar a capacitação educacional, científica e social do estudante de Ciências Contábeis. Isso possibilita direcionar esforços para enfrentar as dificuldades por recém-formados no curso de graduação de Ciências Contábeis, quando iniciam sua carreira, despertando uma reflexão sobre a atual situação do profissional quanto à verdadeira necessidade do mercado. Para conduzir e nortear os trabalhos, foram utilizados métodos e procedimentos de investigação consistente, linguagem fácil e acessível. Conclui-se que as dificuldades existem, contudo podem ser sanadas desde que haja participação conjunta de alunos, professores e das instituições quanto à melhoria da qualidade de ensinar e inovar o conhecimento contábil.



O tema proposto é uma abordagem do ensino da Contabilidade comparado com o modelo dos Estados Unidos da América e as perspectivas do mercado de trabalho haja vista a preocupação com a qualidade do ensino brasileiro e suas tendências futuras. A principal preocupação é, de fato, a forma como tem sido conduzido o ensino do conteúdo contábil, a qualidade dos docentes e das instituições de ensino superior. Para tal problemática, torna-se necessária uma comparação com o ensino da Contabilidade aplicado nos EUA.

É de suma importância a reflexão sobre a falta de um laboratório contábil dentro das faculdades ou universidades, facilitando a vivência prática juntamente com o aprimoramento em pesquisas *in loco* quanto ao funcionamento da Contabilidade dentro das organizações, além de pesquisas de campo, e principalmente da cobrança do estágio supervisionado. (SILVA, 2003).

Uma visão do ensino da contabilidade no curso de Ciências Contábeis

Velhos paradigmas precisam ser quebrados dando lugar a ideias inovadoras, ou seja, a questão ensino *versus* aprendizagem deve se fundir na mesma sintonia, verificando as carências do sistema globalizado como um todo e encontrando soluções eficientes e eficazes.

A área contábil apresenta uma carência expressiva quanto a pesquisadores, apesar da prática constante de seus conhecimentos teóricos no ramo operacional e financeiro. (MARION, 2003). Essa carência pela pesquisa se reflete diretamente na qualidade do ensino e no resultado esperado pelo mercado de trabalho. Tais carências são oriundas da base de formação do acadêmico, ou seja, o ensino, que está atrelado à falta de conhecimento do brasileiro em relação ao mundo dos negócios, calcada no conservadorismo e na prudência.

A imagem que as universidades passam é a de serem meras transmissoras

dos conhecimentos já existentes, faltando renovação, novas ideias e aperfeiçoamento do que já existe (MARION, 2003). Assim, o aluno ingressa no curso de Contábeis buscando algo diferente, inovador, criativo; contudo, ele próprio não tem uma base que lhe permita o conhecimento necessário à iniciação do processo de aprendizado contábil.

Segundo Marion (2001) “a universidade (ou qualquer outra instituição de ensino superior) é o local adequado para a construção de conhecimentos, para a formação de competência humana. É preciso inovar, criar, criticar, para atingir-se esta competência”.

Analisando essa informação, percebe-se a necessidade da participação efetiva da entidade de ensino na formação do profissional.

Ao se iniciar no curso superior de Ciências Contábeis, o aluno, quando não técnico ou não inserido nesse meio profissional, encontra grandes dificuldades no entendimento do significado da Contabilidade, principalmente quanto a débito e crédito, os quais são constantemente confundidos com o débito e o crédito bancário. O que, segundo Marion (2001), causa sérios impactos na continuidade do ensino contábil: “[...] Quando isto não é bem dominado pelo aluno, acaba prejudicando o desenvolvimento dos pontos seguintes, já que falta a base de tudo. Isto leva o aluno a uma desmotivação”.

Segundo Iudícibus, Martins e Gelbcke (2003) “a Contabilidade, na qualidade de metodologia especialmente concebida para captar, registrar, acumular, resumir e interpretar os fenômenos que afetam as situações patrimoniais, financeiras e econômicas de qualquer ente”, o que equivale a dizer que possui um campo muito amplo, se caracteriza como uma ciência social, que proporciona ao aluno uma visão diferenciada sobre o significado do patrimônio líquido pessoal ou empresarial, e demonstra de forma contundente as variáveis ocorridas nesse grupo e seus respectivos reflexos passados, presentes e futuros.

Alguns professores seguem um programa predefinido, em que conceitos básicos são esquecidos, fazendo com que o aluno perca a essência da Contabilidade, que fornece, ao futuro profissional, a base para entendimento do verdadeiro significado da profissão contábil, da sua eficiência como ferramenta de gestão, sua importância para a sociedade de modo geral, a maneira por que pode ser usada como ferramenta de controle da evolução patrimonial e social. Fazendo uma breve comparação entre a Contabilidade 'teórica' e a 'prática', constata-se a necessidade de ambas estarem alinhadas e focadas nos mesmos conceitos e objetivos, unindo-se os conhecimentos teóricos para implementação da prática contábil.

Os tipos de professores de contabilidade

Para entender o perfil dos professores de Contabilidade, faz-se necessário avaliar e destacar os tipos de professores existentes, o que, segundo Strassburg (2003), é feito por meio de aplicação de questionários a fim de verificar a atuação do docente em sala de aula. O objetivo principal dessa avaliação é verificar as características diversas que cada professor possui. Mas, para outras instituições, os objetivos podem ter maior amplitude, como avaliar a melhoria do ensino ou se está sendo alcançado o nível de aprendizado necessário, por parte do aluno.

De acordo com Ibañes-Martins (1990) apud Lampert (1999) existem quatro tipos de professores universitários:

- professores em começo de carreira;
- professores com razoável conhecimento da matéria, em âmbito nacional;
- professores que evidenciam um verdadeiro domínio da matéria, em âmbito nacional;
- professores que evidenciam um verdadeiro domínio da matéria, em âmbito nacional, e de certa forma internacional, através de participação em foro científico mundial e reuniões internacionais.

Metodologia dos professores aplicada no ensino contábil

Metodologia, segundo o Dicionário Houaiss, é o “corpo de regras e diligências estabelecidas para realizar uma pesquisa; método”. Nesse sentido, conduzindo o conceito para a prática do ensino contábil, podemos dizer que a metodologia é o caminho, o sentido e a forma que o docente utilizará para transmitir o conhecimento para o aprendiz (aluno), fazendo com que aprenda de forma mais simples e compreensível.

De acordo com Serra Negra (1999): *A adoção de uma nova técnica pedagógica requer preparo por parte do professor; por sua vez a adoção de uma metodologia requer sua prática. Dessa forma, antes de solicitar algum trabalho a seus alunos, faça você mesmo!*

Ademais, Marion (2003) corrobora dizendo que o ensino da Contabilidade deveria combinar a teoria com a prática, com o tempo dedicado a ambas variando de acordo com a necessidade dos alunos.

Na ideia dos autores, a construção de uma boa metodologia no ensino da Contabilidade é calcada na formação prática do docente e de seu conhecimento teórico. Assim, Serra Negra (1999) completa esse entendimento dizendo que “[...] o ensino não se faz de informações ultrapassadas. É preciso o estudo, a pesquisa, a análise e a inserção de novas metodologias para o ensino da contabilidade”.

Diante desse contexto, o aluno está procurando absorver os conhecimentos auferidos pelo professor, ficando como sujeito passivo do aprendizado. (MARION, 2001). Teixeira (1985, apud MARION, 2001) cita que “O sistema tradicional tem como finalidade a transferência do conhecimento (do professor para o aluno) e a mensuração do nível de conhecimento atingido”. Segundo o professor Ernani (1973, apud MARION, 2001):

[...] outro sintoma do método de ensino em contabilidade que provém da própria natureza dessa disciplina é o de que o professor durante quase

todo o período está escrevendo no quadro-negro e falando, por assim dizer, às paredes. Com isso, os acadêmicos, além de ouvir a voz, têm que se contentar em passar todo período da aula enxergando as costas do professor.

Uma forma de mudar tal concepção de ensino e metodologia seria tornar o aluno um agente ativo do processo de aprendizagem, fazendo com que pense por si só, tornando o processo o mais dinâmico possível. Isso faz com que o aluno desperte o senso crítico, a autoiniciativa de descobrimento do conteúdo contábil, trazendo crescimento expressivo para sua vida profissional. (MARION, 2001).

Dentro das múltiplas possibilidades metodológicas – método de estudo de caso, entendimento do mundo dos negócios, a metodologia pelos jogos de empresas, o uso de informática através de aplicativos que questionam o usuário e ajudam a solucionar problemas e outras metodologias que despertam interesse no aluno – Serra Negra (1999) acrescenta a elaboração de artigos técnico-científicos por parte de alunos e professores, o que, segundo ele, é uma “mola propulsora para a motivação e criatividade do aluno”.

Os desafios para professores e alunos

Vive-se um momento de grandes mudanças no processo de ensinar, exigindo uma adequação no sistema educacional. Na opinião de Morais, Gonçalves e Correia (2005) “hoje, o ensino deve ter como base a habilidade que o professor apresenta para reformular a sua prática, a sua competência e, principalmente, o seu saber, a fim de que possa dar a devida contribuição ao ambiente acadêmico”. Para tanto, é necessária uma visão diferenciada da maneira como ensinar; os projetos acadêmicos de ensino devem ser planejados e objetivados a atender a necessidade do aluno e do mercado no qual será inserido.

De acordo com Nossa (1999), com todo esse crescimento no ensino superior,

"Hoje, o ensino deve ter como base a habilidade que o professor apresenta para reformular a sua prática, a sua competência e, principalmente, o seu saber, a fim de que possa dar a devida contribuição ao ambiente acadêmico".

caso não existam professores qualificados para atender a demanda de mercado dos cursos, a qualidade destes tende a declinar. O que deveria ser considerado um ensino de nível superior, qualificado, poderá esbarrar em apenas um curso de nível de qualificação técnico, fazendo com que o aluno não consiga buscar novas descobertas, coibindo-o do crescimento profissional.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional trouxe, em seu texto, a possibilidade de flexibilidade dos currículos, tornando-os compatíveis com as necessidades da Instituição de Ensino Superior (IES). Nesse sentido, Giorgi, Pizollato e Morettin (2001) afirmam que:

o professor de Contabilidade Superior tem que assumir que os currículos não são os fins, mas colocam-se ao serviço do desenvolvimento de competências, sendo estas caracterizadas pela capacidade de [...] articular ações e valores, conhecimentos e habilidades, significa, necessariamente, adotar uma pedagogia que propicie, essencialmente, o exercício contínuo e contextualizado desses processos de mobilização.

Nesse sentido, entende-se que o professor não deve se prender ao currículo, mas sim adaptá-lo à necessidade dos alunos, transformando-o em uma ferramenta de motivação que auxilie no direcionamento da disciplina lecionada.

Corroborando essa ideia, Laffin (2001) ressalta que a compreensão, por parte do professor, do que representa o currículo na organização do trabalho pedagógico lhe permite uma dimensão dos seus saberes em relação ao conhecimento contábil e às experiências que se ampliam por meio da elaboração e reelaboração do seu trabalho docente.

Esse é o ponto de partida para uma reflexão sobre o objetivo de aplicar uma metodologia que estimule o aluno a aprender. Na opinião de Silva (2003), "o professor deve romper com o sistema tradicional, em que o aluno finge que aprende e o professor, sem motivação didática, finge que ensina". É preciso quebrar esse paradigma: o professor deve desempenhar seu verdadeiro papel, o de mestre no ensino do conhecimento contábil, não somente mensageiro de informações, mas, sim, fundamentador de ideias, descobridor do conhecimento e tradutor da linguagem contábil.

Para isso, torna-se importante que o professor acompanhe as mudanças e transformações econômicas e sociais que giram em torno da Contabilidade; faz-se necessária uma busca incessante de novos conhecimentos e novas habilidades por meio da chamada Educação Continuada.

Comparações entre o ensino da contabilidade no Brasil e EUA

Este tópico da pesquisa é de grande relevância para o entendimento do ensino no Brasil, comparado com o ensino de um país de primeiro mundo, como os Estados Unidos.

De acordo com matéria publicada pela Revista EXAME (2006), em plena era do conhecimento, a baixa qualidade do ensino se tornou uma ameaça à competitividade das empresas e uma trava ao crescimento do país. O sistema de ensino brasileiro leva uma surra, ou seja, apresenta os piores indicadores na área de educação, quando comparado a países emergentes que figuram como seus competidores internacionais.

Em pesquisa feita pelo Banco Mundial, Unesco e a Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), estima-se que, se os brasileiros permanecessem na escola 12 (doze) anos, como ficam os americanos, a renda nacional seria mais que o dobro da atual.

Para fins de comparação, o estudante americano, após 12 (doze) anos de estudo, obtém seu primeiro diploma, ou seja, do High School (correspondente ao nosso segundo grau). Em seguida, poderá optar por um curso superior de curta duração (MARION, 2001). Já no Brasil, o aluno permanece na escola em média 5 (cinco) anos e, após a conclusão do segundo grau, ele depara com a seguinte situação: ou para o estudo, ou vai brigar por uma vaga em instituição pública. Não conseguindo, sacrifica sua renda, custeando um curso superior em uma instituição particular. Essa situação se agrava ainda mais se comparada a outros índices sociais e econômicos.

Na confrontação da profissão contábil brasileira com a de outros países, observamos que a imagem dessa atividade está muito aquém da dos países desenvolvidos. Na Inglaterra, por exemplo, a certificação do contador é dada pela rainha, contudo ela mesma não pode tirá-lo da função. Nos Estados Unidos, a Contabilidade figura entre profissões, como médico, advogado e engenheiro. Em alguns estados americanos, o contador é o mais bem pago entre os profissionais liberais; os auditores formam uma classe privilegiada, ganham uma fortuna e possuem imenso respeito da sociedade e do mercado. (MARION, 1997).

Apesar de ser uma das maiores potências mundiais, os EUA não têm um ensino perfeito, mas que, diante da realidade brasileira, poderá ser muito útil como parâmetro de comparação. (MARION, 2001).

Cada estado americano conta com uma ou mais universidades para atender a seus residentes com um custo menor. Em grande parte, seus recursos são propiciados pelo Estado ou pela União; o aluno paga a outra parte. Porém, os estados possuem suas universidades ou instituições privadas estabelecidas por organizações privadas ou

grupos religiosos, que normalmente oferecem um custo maior para os estudantes. O Brasil também possui as instituições públicas e privadas, mas, conforme afirma Sérgio Werlang em entrevista concedida à Revista EXAME (2006), “o governo gasta demais com um número pequeno de universitários que, em sua maioria, poderia pagar pelo estudo e muito pouco com os que não podem pagar”.

Assim, verifica-se o ponto de partida para essa grande diferença entre Brasil e Estados Unidos, ou seja, a forma como é distribuída a verba para alfabetização e qualificação profissional.

Uma abordagem quanto à forma de ensino da contabilidade no Brasil em comparação com os EUA

A forma como será conduzido o ensino da Contabilidade é fator fundamental no processo de aprendizagem e formação do aluno; nesse sentido, identificar tendências e necessidades no cenário da Contabilidade possibilita ao aprendiz e ao professor compreender, conhecer e descobrir os caminhos e fins para uma exímia formação profissional.

Em documento da UNESCO (2001, apud KRAEMER, 2005), é possível identificar quatro pilares essenciais a um novo conceito de educação que pode ser aplicado no campo das Ciências Contábeis:

- a) Aprender a conhecer.
- b) Aprender a fazer.
- c) Aprender a conviver.
- d) Aprender a ser.

Esses pilares podem ser considerados como referencial importante na ação pedagógica, podendo ser usados como alicerces no projeto de educação teórica e prática da Contabilidade como um todo. Os mesmos revelam algumas necessidades do processo de ensino-aprendizagem, demonstrando carências quanto à autonomia e criatividade tanto dos alunos quanto dos professores.

É preciso aprender a fazer, não tão somente para si, mas para todos, no sentido

Os americanos acreditam que a sintonia contínua entre o contador e os computadores, através dos sistemas de informações, ajudarão no processo de ensino-aprendizagem.

de ampliar as ideias e conhecimentos para enfrentar numerosas situações e trabalhar em equipe.

No Brasil, o ensino é regulado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação, que tem como propósito criar regras, normas e procedimentos que facilitem o ensino e o aprendizado tanto contábil como os demais. Desse modo, ficaria a cargo das instituições de ensino e dos professores o repasse dos propósitos legais da lei de forma coerente e eficiente.

Com base no entendimento da legislação, esses procedimentos e objetivos citados deveriam ser os adotados nas Instituições de Ensino Superior de Contabilidade. Contudo, o Brasil tem caminhado para esse fim, as instituições têm buscado ao máximo aplicar a legislação com eficiência, apesar de encontrar alguns percalços referentes à infraestrutura, à falta de laboratórios contábeis e de professores com maiores titulações e níveis de pesquisa, de mais incentivo do Poder Público, etc.

Comparando-se esses fatos com a política de ensino americana, constata-se através dos trabalhos de Gordon e Howel, dos estudos de Pierson e de Roy e MacNeill, encontrados em Marion (2001), no que tange ao ensino da Contabilidade, que os americanos se mostram preocupados quanto ao nível do ensino da Ciência Contábil nas Universidades. Assim, sugerem uma futura reorientação de forma controlada, com maior atenção para a prática contábil, e dados contábeis com a finalidade de tomada de decisão passam a ter um papel proeminente.

Como no Brasil, as universidades americanas estão respondendo aos anseios da própria profissão no sentido de promover profundas mudanças na educação contábil do país. Para tanto, foi criada a Accountig Education Change Commission (AECC), que visa basicamente a mudança na preparação acadêmica dos futuros profissionais contábeis.

Um ponto de relevância observado nos EUA no processo de reestruturação do curso de Ciências Contábeis está no critério que os americanos pretendem para que o estudante seja um participante ativo no processo de aprendizagem, o que, segundo eles, se fará por meio do uso intenso do laboratório contábil em todas as disciplinas de Contabilidade, com avaliações sendo feitas no próprio local. Eles acreditam que a sintonia contínua entre o contador e os computadores, por meio dos sistemas de informações, ajudarão no processo de ensino-aprendizagem.

No Brasil, acredita-se que esse procedimento de aprendizagem também funcionará, conforme destaca Marion (2001):

“Não há dúvida de que o fundamento do curso de Contabilidade Geral será essencialmente conceitual. Entretanto, a prática destes conceitos é indispensável para melhor sedimentação da aprendizagem. E toda essa parte prática seria mais bem desenvolvida num laboratório contábil.”

Na educação corporativa prevalecem as metodologias por meio de atividades práticas, exercícios, estudos de casos, jogos de empresas, recursos didáticos baseados em multimídia e demais recursos tecnológicos; contudo, o treinamento no laboratório é essencial ao aprendizado.

A ideia não é suprir a teoria, até porque ela é de suma importância para a formação educacional e profissional, constituindo a essência da Contabilidade. O objetivo é fazer com que prática e teoria caminhem juntas de modo que cada conceito possa ser levado para a prática no laboratório ou vice-versa.

Outro modelo de comparação entre Brasil *versus* EUA está nas matérias ministradas nos cursos de Contábeis. De acordo

com a Resolução CNE/CES 10, em seu art. 5º, os cursos deveriam ter as seguintes matérias (MEC, 2007):

I – conteúdos de Formação Básica: estudos relacionados com outras áreas do conhecimento, sobretudo Administração, Economia, Direito, Métodos Quantitativos, Matemática e Estatística;

II – conteúdos de Formação Profissional: estudos específicos atinentes às Teorias da Contabilidade, incluindo as noções das atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais, governamentais e não-governamentais, de auditorias, perícias, arbitragens e controladoria, com suas aplicações peculiares ao setor público e privado;

III – conteúdos de Formação Teórico-Prática: Estágio Curricular Supervisionado, Atividades Complementares, Estudos Independentes, Conteúdos Optativos, Prática em Laboratório de Informática utilizando softwares atualizados para Contabilidade.

Nos EUA, de acordo com o American Institute of Certified Accountants (AICPA), a divisão das matérias é feita da seguinte forma:

I – Educação Geral: Ética, Comunicação, Ciência do Comportamento, Economia, Computação, Contabilidade Elementar, Matemática, Estatística, Psicologia, História, Línguas e Artes.

II – Administração e Negócios: Sistema Monetário e Teoria, Aspectos Legal e Social dos Negócios, Legislação dos Negócios, Marketing, Finanças, Organização e Comportamento, Aplicações Quantitativas e Negócios, Habilidades de Comunicação, Ética Administrativa.

III – Contabilidade: Contabilidade Financeira – Teoria e Aplicação de Problemas na Contabilidade Intermediária e Avançada, Contabilidade de Custos e Gerencial, Impostos, Auditoria, Sistemas de Informação, Responsabilidade e Ética Profissional.

Nesse último quesito, o Brasil não se distancia dos EUA, pois suas matérias têm muito em comum, com o foco da Contabilidade sendo abordado nas duas escolas.

O perfil sugerido para o estudante de Ciências Contábeis tendo em vista o mercado de trabalho

O estudante precisa acompanhar as mudanças que surgiram com o advento da globalização, necessitando capacitar e aprimorar seus conhecimentos para enfrentar o novo mercado de trabalho. Nesse sentido, as instituições precisam evoluir no ensino da Ciência Contábil, deixando para trás aquele período de 1950 a 1985 quando o aluno não participava das aulas, tornando-se passivo, ou seja, era conduzido à compreensão da regra, mas com um padrão de ação em que o professor detinha o poder. (KRASILCHIK et al. apud AMARAL, 2006).

Segundo Marion (2001): “A educação para os futuros contadores deveria produzir profissionais que tivessem amplo conjunto de habilidades e conhecimentos.” Assim, o processo de ensino e aprendizagem na formação do profissional contábil tem como propósito levar seus alunos à construção de conhecimento com vistas à formação de profissionais que se expressem com criatividade, inovação e competência. (PARISOTTO, GRANDE e FERNANDES, 2006).

O mercado busca incessantemente profissionais comprometidos, habilidosos e inovadores e, nesse sentido, de acordo com Merchede (2001),

a intensificação do uso de recursos tecnológicos nas escolas, nas universidades, no trabalho e outros tipos de organizações e serviços, vem desencadeando completa revisão nos procedimentos tanto pedagógicos como profissionais, com vista ao aproveitamento racional desses recursos, na busca da eficácia.

Com o advento das mudanças econômicas no mercado de trabalho, tanto o aluno quanto o profissional devem estar atentos às inovações tecnológicas, aos avanços científicos, sociais e econômicos, pois as mudanças são constantes e aceleradas; o conhecimento é transportado e adquirido de forma instantânea e on-line,

através da Internet e dos meios de comunicação. O contador deve possuir uma visão panorâmica do ambiente em que ele e sua organização estão inseridos.

Para reforçar a ideia de modernização e qualificação profissional, Schwartzman (1994, apud NOSSA, 1999) enfatiza que:

os estudantes encontram grandes dificuldades em obter um trabalho que de alguma forma corresponda aos conteúdos formais das carreiras que escolheram. O que eles esperam é que seu diploma possa ser útil para conseguir melhores salários e ter mais oportunidades no mercado de trabalho. É desses estudantes formados que sai a maioria dos novos docentes e profissionais que vão ingressar no mercado de trabalho.

Nessa visão, é possível compreender o significado da escolha da profissão correta e o quanto é importante o papel das instituições de ensino no processo de formação do acadêmico, norteando-o para a conquista e o exercício da carreira escolhida. Dessa forma, o aluno não perderá o foco da profissão contábil; pelo contrário, abraçará sua profissão, valorizando a Contabilidade como ciência e trabalhando para seu crescimento.

Campo de trabalho para o recém-formado na atual economia globalizada

A Contabilidade vem, ao longo dos anos, se aperfeiçoando na busca da excelência como profissão, deixando de lado velhos paradigmas e norteando-se para o avanço científico, social e tecnológico. Nesse sentido, Ludícibus, Martins e Gelbcke (2003) ressaltam que “o mercado de trabalho para o Contador de alto nível, hoje no Brasil, é, em média, um dos melhores dentre os de profissionais liberais, no sentido financeiro principalmente”. Independentemente do tamanho da empresa, seja ela multinacional, de grande porte, de pequeno porte ou microempresa, sempre precisará de um contador, seja atuando na área fiscal, pessoal ou contábil, seja

atuando como gestor, consultor ou auditor. Marion (1997) destaca que “uma empresa sem contador é como um barco em alto-mar, sem bússola, à mercê dos ventos, quase sem chance de sobrevivência, totalmente à deriva”.

Nos EUA há três áreas distintas como campos de trabalho para o profissional contábil (MARION, 2003):

Contador Público: trabalha para clientes específicos, esse profissional atua em firmas de Contabilidade Pública (firmas de auditoria) e possui normalmente o Certificado de Contador Público, ou seja, o Certified Public Accountant (CPA), obtido após uma série de exigências.

Contador de empresa privada: trabalha como empregado de uma empresa privada. Ainda que não seja obrigatório o CPA, há institutos que proporcionam certificado para que o contador seja reconhecido como experiente e perito na Contabilidade.

Contador de Empresa Governamental: trabalha na área menos importante como campo de trabalho, mas que tem crescido muito nos últimos anos, devido às necessidades e exigências dos relatórios contábeis.

Contudo, apesar de promissor, o mercado de trabalho nos EUA apresentou alguns problemas na última década, atingindo em 1992 um nível de desemprego igual a 7,1%. Há quem chame esta situação de recessão nacional. (MARION, 2003).

O Brasil, segundo o Conselho Federal de Contabilidade – CFC, possuía, em janeiro de 2007, mais de 197.000 (cento e noventa e sete mil) profissionais de Contabilidade inscritos nos órgãos de classe de todo o país. Portanto, a área de atuação do contador é ampla e poderá ser preenchida pelos profissionais, abrindo um leque para todos os que querem ingressar no mercado de trabalho.

Segundo descreve Marion (2003) o contador pode atuar em inúmeras áreas como os serviços ligados à produção (engenharia, pesquisas...), os serviços ligados à distribuição (comércio), os serviços sociais (educação, saúde, segurança...) e outros. A Contabilidade está entre as maiores e mais promissoras profissões do século; todavia, apesar das inúmeras vantagens,

é fundamental o equilíbrio entre a ética e a competência.

A consciência cada vez maior por parte de outros grupos que não os acionistas, os administradores ou o governo sobre a importância da comunicação da informação contábil permite aos demais usuários um conhecimento diferenciado dos benefícios da Contabilidade no seu cotidiano familiar, doméstico ou profissional (IUDÍCIBUS, 2004). Acrescenta Marion (2003) que “o profissional da área contábil é um agente de mudanças, e como tal esse profissional deve mostrar suas diversas habilidades”.

Como outras profissões, a Contabilidade está em constante mudança, transitando para uma nova etapa na área contábil, ou seja, a mecânica cede lugar à fase técnica, e esta vem cedendo lugar à fase da informação (MARION, 2003). Para Perez (1997, apud MARION, 2003), o objetivo da profissão contábil vai mais além de acumular cifras para preparar um balanço para efeitos impositivos. Vai mais além de registrar automaticamente uma ou várias operações: um software adequado pode produzir melhor as rotinas.

Nesse sentido, cabe ao contador conquistar seu espaço no mercado de trabalho de forma eficiente e eficaz, introduzindo de forma clara a ética profissional, devendo apresentar-se como um tradutor, e não simplesmente como um apurador de dados. Suas informações devem prover os usuários de bases sólidas para tomada de decisão.

Considerações finais

Ficou evidente que o ponto de partida para solucionar a falha no ensino brasileiro é, primeiramente, uma questão política, ou seja, melhor distribuição das verbas federais, estaduais e municipais ao ensino. O segundo ponto é a qualificação das instituições, bem como dos docentes no ensino da Contabilidade, deixando estes de serem máquinas de formação de graduandos para se tornarem profissionais qualificados, com percepção de opinião e senso crítico

A Contabilidade vem, ao longo dos anos, evoluindo de forma crescente de modo que o profissional contábil seja visto como um colaborador, consultor, prestador de informações para tomada de decisões.

perante as questões econômicas, sociais e políticas da atualidade.

O professor é parte imprescindível na formação por nortear os caminhos com que o aluno vai deparar na sua vida profissional; ele é o responsável pela transposição do conhecimento contábil, social e democrático ao aluno. Porém, essa profissão vem sendo sucateada em prol do desenvolvimento capitalista, em que educadores são lançados no mercado de trabalho de forma despreparada, sem o conhecimento e a experiência necessária ao desempenho da função de ensinar. A educação no Brasil deve ser levada a sério, de forma eficaz e eficiente, com uma conscientização ética e profissional em que a qualidade deve sempre sobressair ao capitalismo.

A Contabilidade é uma ciência social; nesse sentido, os atos de seus profissionais se refletem diretamente na sociedade de modo geral, nos âmbitos ético, financeiro, político e social. Para que as futuras mudanças tenham efeito positivo, não basta somente que a instituição de ensino melhore e aprimore seus conceitos e padrões de ensino ou que qualifique melhor seus docentes; torna-se necessário um trabalho conjunto com os alunos e profissionais de forma que todos caminhem com o mesmo objetivo, ou seja, a melhoria do ensino da Contabilidade.

A Contabilidade vem, ao longo dos anos, evoluindo de forma crescente de modo que o profissional contábil seja visto como um colaborador, consultor, prestador

de informações para tomada de decisões atingindo, dessa forma, o seu foco. Contudo, há muito a aprender. A Contabilidade tem muito a despertar e demonstrar a seus alunos, profissionais e usuários.

Os EUA são hoje, sem dúvida, o país que mais fatura com o ensino, além de possuir o maior número de instituições de toda as nações. Para que o aluno ou o profissional alcance o status máximo da profissão contábil, é preciso muita dedicação e compromisso. O estudante americano passa muito mais tempo na escola do que o aluno brasileiro. Dessa forma, ele está em contato constante com o ensino da Contabilidade, aprimorando seus conhecimentos, discutindo os mais variados temas e dirimindo suas principais dúvidas. O ensino americano tem um grande patrocinador e incentivador, ou seja, as empresas de auditoria, que aplicam fortunas no aprendizado americano, sendo as maiores beneficiárias desse investimento. Elas qualificam para depois absorverem os conhecimentos adquiridos pelos alunos, em suas atividades profissionais.

Porém, ambas as escolas identificaram, por meio de pesquisas e experiências, a necessidade da prática contábil, não deixando de lado a teoria, mas, sim, trabalhando a prática e teoria de forma intensa e em conjunto, através do laboratório contábil.

O modelo brasileiro é meramente dependente do dinheiro público, ficando à mercê de uma pequena fatia da verba governamental. Mas será suficiente o dinheiro destinado à educação para qualificar os estudantes? Essa e outras perguntas devem ser feitas constantemente pelas instituições públicas, alunos e profissionais. Assim, é preciso mudar a concepção de dependência pública, e passar a trabalhar em conjunto, ou seja, as instituições devem buscar parcerias com instituições particulares, empresas, associações, conselhos e demais órgãos com o propósito de trabalhar em sinergia contínua de melhoria da capacitação de nossos estudantes, os quais serão os futuros profissionais que trabalharão continuamente para a qualidade dos resultados éticos, econômicos, sociais e políticos das organizações.

A Contabilidade, como toda ciência,

tem seu valor moral e ético, sendo-lhe facultado o poder de informar com o intuito de poder decidir, e a solução está nas mãos dos grandes empresários, governantes e inúmeras outras pessoas que possuem o poder de traçar o caminho de uma nação. Nesse sentido, é importante a participação de todos para galgarmos um presente e futuro melhores.

Por fim, sugerimos aos estudantes, professores e profissionais que intensifiquem os estudos no campo da Ciência Contábil, por meio das pesquisas científicas e trabalhos acadêmicos, com o propósito de agregar novos valores e conhecimentos à atuação do contador. A Contabilidade merece destaque entre as grandes profissões, portanto, depende daqueles que abraçam o objetivo e o significado contábil.



Adelvandro Felício de Castro
– Pós-Graduado em Auditoria pela UFMG. Graduado em Ciências Contábeis pela Milton Campos. Professor de Auditoria da UNIVALE – Governador Valadares. Superintendente da Concretomix Engenharia de Concreto Ltda.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Patrícia Ferreira do et. al. Ensino Aprendizado na Área de Educação contábil: Uma investigação Teórico-Empírica. In 6º Congresso USP. São Paulo, 2006.

DIGIORGI, Wanny Arantes Bongiovanni Di; PIZOLATO, Célia de Lima; MORETTIN, Ana Aparecida. Competências, Habilidades e o Ensino Superior de Contabilidade. Revista Pensar Contábil, Rio de Janeiro, v. ano IV, n. 13 ago./out. 2001.

IUDÍCIBUS, Sérgio de. Teoria da Contabilidade. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

IUDÍCIBUS, Sérgio de; MARTINS, Eliseu; GELBCKE, Ernesto Rubens. Manual de Contabilidade das Sociedades por Ações: aplicável às demais sociedades. FIECAFI, 6. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

KRAEMER, Maria Elizabeth Pereira. Uma Reflexão sobre o Ensino da Contabilidade. Disponível em: <www.alfinal.com/brasil/reflexion.shtml>. Acesso em: 29 de agosto de 2007.

LAFFIN, Marcos. O Professor de Contabilidade no Contexto de Novas Exigências. Contabilidade Vista & Revista. Belo Horizonte: Departamento de Ciências Contábeis,

Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG. v. 12, n. 1, p. 57-78, abr. 2001.

LAMPERT, E. Universidade, docência, globalização. Porto Alegre: Sulina, 1999.

MARCHESE, Theodore J. O ensino nos Estados Unidos no período pós-guerra: expansão e crescimento. Disponível em: <<http://usinfo.state.gov/journals/itsv/1297/ijsp/marchese.htm>>. Acesso em: 11 de junho de 2007.

MARION, José Carlos. O Ensino da Contabilidade. 2. ed. São Paulo: Atlas, 2001.

_____. Contabilidade Empresarial. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

_____. Preparando-se para a profissão do Futuro. Congresso USP. São Paulo, 1997.

MERCHEDE, Alberto. Matemática Financeira: Para usuários do excel e da calculadora HP-12C. São Paulo: Atlas, 2001.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO ESPORTE – MEC. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação de Ciências Contábeis. Disponível em: <www.mec.gov.br>. Acesso em: 29 de agosto de 2007.

MORAIS, José Jassuie da Silva; GONÇALVES, Cléber de Oliveira; CORREIA, Liliâne Pinto. Ensino da Contabilidade e suas reformas: O desafio de quem aprende. Pensamento Contábil. Belo Horizonte: Centro Universitário Newton Paiva, ano 4, v. 4, p. 45-52, jan. 2005.

NOSSA, Valcemiro. Formação do Corpo Docente dos Cursos de Graduação em Contabilidade no Brasil: uma análise crítica. São Paulo, FIECAFI, n. 21, maio a agosto/1999.

PARISOTTO, Iara Regina dos Santos; GRANDE, Jefferson Fernando; FERNANDES, F. C. O Processo ensino e aprendizagem na formação do profissional contábil: uma visão acadêmica. In: 3º CONGRESSO USP DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2006, SÃO PAULO. CONGRESSO USP DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 2006.

SÁ, Antônio Lopes de; SÁ, Ana Maria Lopes de. Dicionário de Contabilidade. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2005.

SERRA NEGRA, Carlos Alberto. Metodologia para o Ensino Contábil: o uso de artigos técnicos. Contabilidade Vista & Revista. Belo Horizonte: Departamento de Ciências Contábeis, Faculdade de Ciências Econômicas, UFMG. v. 10, n. 1, p. 13-16, mar. 1999.

SILVA, Antônio Carlos Ribeiro da. Metodologia da pesquisa aplicada à Contabilidade: orientações de estudos e projetos, relatórios, monografias, dissertações, teses. São Paulo: Atlas, 2003.

STRASSBURG, U. Moreira, D. A. Avaliação do Professor de Contabilidade. Revista Brasileira de Contabilidade, Brasília-DF, ano 32, n. 141, p. 91-97, maio/jun. 2003.